

HOMILIA NA ORDENAÇÃO PRESBITERAL DO DIÁCONO JEFERSON DE JESUS TEIXEIRA

Caríssimo diácono Jeferson, é chegada a tua hora! Esperaste mais que teus colegas anteriores, mas usufruíste com tempo e sabor do ministério diaconal, que nunca deixará de ser teu ofício. Acalentamos contigo a esperança deste teu dia. Agora te apresentas para o serviço do Senhor no grau do presbiterado, tomando sobre ti, por graça e favor de Deus, a incumbência de mostrar o rosto e o coração sacerdotal do Bom e Belo Pastor Jesus, como uma missão que configurará todo o teu ser. Serás sacerdote para sempre! Todos os dias da tua vida serás visto, buscado, escutado, criticado por seres “totus Dei”, todo de Deus. Age de forma que o Deus que te chamou se agrade de ti. Não traias a Deus para agradares a teus iguais na terra. Que tua fidelidade, teu compromisso e teu testemunho brilhem como tua identidade mais bela e mais notada. O Deus que te formou no seio de tua mãe e te conhece desde lá, consagrou-te e te fez cristão, profeta, diácono e agora presbítero, Ele sabe do que és capaz. E não te pedirá o que Ele mesmo não te capacitou a oferecer. Ele escolheu para ti o caminho da consagração no sacramento da Ordem para assim escreveres tua história neste mundo, para fazeres teu caminho pessoal de encontro com Jesus e com a salvação que Ele te oferece. O sacerdócio será teu lugar de serviço na Igreja e no mundo. O “menino” haverá de envelhecer nesta vocação. Palavras incontáveis do Senhor passarão pela tua boca. Não tenhas medo do mundo, nem daqueles a quem fores enviado. Quem te envia é maior que o mundo e reivindica o mundo para Si, e por isso te dará autoridade, carisma, talento para arrancar e derrubar, para devastar e destruir, para edificar e plantar, desde que faças isso para cumprires teu ofício de profeta, de enviado, de homem de Deus, que apresenta Deus à humanidade e a humanidade a Deus. Avança para as águas profundas do mar deste tempo, lança as redes, pesca para Cristo, para a Igreja, para o céu. Não te canses! Não peças para voltar à praia! Cumpre teu lema! O timoneiro é Jesus!

Neste dia, não pode passar despercebida a santa que toma lugar no calendário litúrgico da nossa Igreja: a pequena e virtuosa Maria Goreti. Tamanho não tinha, nem idade, nem sabedoria humana. Ela sim, “apenas uma menina”, foi capaz, na força misteriosa da fé e do amor a Deus, ser só de Deus, no corpo e na alma. Sem conhecer as seduções do amor humano, saboreou em medida não pequena o amor por Deus. Maria Goreti, virgem e mártir, seja tua intercessora na busca da castidade pelo Reino e no combate permanente contra o espírito do mundo, a banalização da corporeidade e o medo dos teus opositores. O Papa Pio XII disse na homilia de canonização de Santa Maria Goreti: “Nem todos somos chamados a sofrer o martírio, mas todos somos chamados a praticar as virtudes cristãs”. Que teu ministério presbiteral, Jeferson, seja virtuoso e exemplar, mesmo sem martírio de sangue.

Gostaria de apontar-te, recordando isso aos demais presbíteros e a todos aqui presentes, o que te cabe no grau novo do sacramento que assumes hoje, a saber, o múnus de pastor, de teólogo-catequista e de mistagogo. São três características marcantes dos pastores dos

primeiros séculos, e que precisam ser, com certa urgência, retomadas pelos pastores desta hora da Igreja: o padre como pastor, o padre como conhecedor e anunciador de Deus e o padre como introdutor no mistério de Deus.

O padre é pastor. O grande Agostinho, bispo da Igreja de Hipona, na África, não deixou de cuidar do seu povo enquanto pensava e escrevia sobre as coisas de Deus. A lida pastoral, certamente marcada pela fecunda pregação e pela reverente celebração do mistério, marcou o longo ministério episcopal deste homem. Hoje, percebe-se a carência e o grito de cuidado pastoral de nossas comunidades. Penso ainda em pessoas individualmente que esperam nossa atenção e a proximidade. Gente que tem demandas, tem feridas, tem pecados, tem sede de Deus, tem sentimento de pertença à Igreja, mas que não recebe suficientemente a nossa solicitude. Ficamos no aguardo, tornamo-nos ministros imóveis, fixados, homens de secretaria, esperando que, quem precise de nós, venha a nós, como quaisquer outros que oferecem seus serviços. Nós não oferecemos serviços. Não somos mercenários pagos para fazer ou cuidar sem amor. Oferecemos Deus e o seu amor misericordioso a todos, pobres e ricos, pequenos e grandes, os que cabem nas normas e os que as desconhecem ou estão longe do idealismo delas. Padecemos de iniciativas de amor e gratuidade, de fervor missionário e caritativo, de saídas movidas por compaixão, sobretudo na direção dos mais pobres, dos mais distantes de nossos centros, de nossas matrizes, dos socialmente vulneráveis, dos espiritualmente fragilizados, dos que cabem nas leis e dos que não cabem. Não nos esqueçamos da lei da gradualidade: a lei é a mesma, mas há distâncias maiores e menores do ponto ideal para os diversos sujeitos submetidos à mesma lei. Neste quesito, não nos esqueçamos de que como pastores não somos só aplicadores de leis e normas sobre os outros, e por vezes pouco rigorosos com nós mesmos. Mas, para além disso, somos pastores e somos ovelhas também, sujeitos todos ao único cajado de Cristo. Agostinho nos ensina isso: “Não foram os pastores que fizeram suas ovelhas, não foram eles que criaram os animais que levam ao pasto. Mas o Senhor, nosso Deus, por ser Deus e criador, foi Ele mesmo que fez para si as ovelhas que possui e que apascenta. [...] Se somos pastores, o pastor ouve com tremor não apenas o que é dito aos pastores, mas também o que é dito às ovelhas. Há duas coisas a considerar em nós, os pastores: uma, que somos cristãos, outra que somos prelados. Por sermos prelados, somos contados entre os pastores, se formos bons. Por sermos cristãos, convosco também somos ovelhas. Portanto, quer fale o Senhor aos pastores, quer fale às ovelhas, temos de ouvir tudo com tremor”, encerra Agostinho. Caro Jéferson, sê bom pastor, como Jesus o é. Tua medida é Ele e nenhum outro. Dá tua vida, busca conhecer as ovelhas, trata-as pelo nome, põe os olhos e o coração sobre as ovelhas que estão longe ou fora das regras. Todas são de Deus, único e verdadeiro pastor. Como dizia ainda Agostinho: “Não procuramos nossa glória nem a devemos buscar, mas a salvação de todos, de modo que não se extraviem aqueles que nos seguem, se andarmos bem. Sejam nossos imitadores, se o formos de Cristo. Se não formos imitadores de Cristo, que eles o sejam! Pois o Senhor apascenta seu rebanho e junto com todos os bons pastores, ele é o único, porque todos estão

nele [...] Louvor a Cristo que te fez bom, e não a ti que, por ti mesmo, só poderias ser mau”, conclui o santo bispo africano.

Algumas comunidades, infelizmente, têm de aceitar ou suportar, com conflitos e sofrimentos, o padre que se declara incapaz de mudar e de ser bom. Muito estranha esta postura! Conversão é coisa humana e à altura a todos, se o coração está aberto à graça. Só Deus não muda e não precisa mudar. Mas, a verdade é que há irmãos no ministério que não estão dispostos realmente a empreender esforços para responder às demandas e urgências da nossa época. Não aprenderam a ser servidores das ovelhas que pertencem a Deus nem capazes de acolher bem todas as pessoas e exercer sua paternidade espiritual sem distinções (cf. Documento da CNBB 100). Precisamos de padres pastores! Pastores que sabem que são também ovelhas do único redil do Bom Pastor Jesus.

O padre é teólogo e catequista. De início, é preciso dar crédito e vazão ao que estudamos e ao diploma que ostentamos. Somos teólogos porque concluímos um curso. Talvez não sejamos mestres nem doutores desta ciência, mas creio que suficientemente conseguimos dar as razões de nossa fé e ensinar estas razões; sabemos apresentar argumentos aos interlocutores de dentro e de fora que nos perguntem sobre Deus, sobre nossas verdades de fé, sobre nossa religião. Seria um disparate se não o soubéssemos, mesmo que não disséssemos tudo nem de modo completamente convincente. Somos portadores de uma palavra lógica acerca de um mistério que permanece inefável, de uma fé pensada ou tornada pensamento, como ensina a *Fides et Ratio*, de São João Paulo II. Então precisamos estar prontos não só ao anúncio (o que é da natureza do nosso ministério), mas também ao diálogo, com os outros saberes e grupos religiosos, com as ovelhas de outros redis. Fazer a fé cristã dialogar com todas as realidades e saberes é um imperativo irrenunciável. Papa Francisco ensina: “A fé não tem medo da razão; pelo contrário, a fé procura a razão e tem confiança nela, porque ‘a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus’, e não se podem contradizer entre si”, escrevera na *Evangelii gaudium*. A fé cristã produz verdades, princípios, valores, horizontes, e isso deve circular onde se pensa o sentido da vida pessoal e coletiva, onde se discutem as questões acerca do presente e do futuro, da vida e da morte, onde se pergunta sobre as origens e a vida no planeta; enfim, onde se busca seriamente a verdade completa... Temos verdades a dizer. E temos de dizê-las de modo que se percebam a sensatez e a coerência delas. Precisamos mostrar a verdade acerca de Deus e, a partir dele, acerca de nós mesmos, como verdade crível e capaz de produzir sentido. Não aconteça que usando dos muitos recursos que temos, desde a Mesa da Palavra até os mais sofisticados e rápidos meios de comunicação virtual e digital, anunciemos nossas ideologias próprias, nossas ortodoxias pessoais, nossas opiniões sem fundamento evangélico... “Nossa mente não produz a verdade, mas a encontra”, escrevera Santa Edith Stein. Nossa verdade é Jesus, sua palavra, seus critérios, seus caminhos... Não digamos o que Jesus não disse, não mandou dizer e não diria. Não trovejemos nossas lições moralistas, personalistas e fechadas, insustentáveis e indefensáveis pela ótica do Evangelho. Não transformemos Jesus num mito e o Evangelho



numa lenda religiosa. A verdade se impõe por si mesma se for anunciada como tal. Não sejamos remadores em contrário na barca da Igreja que deseja ser fiel a Jesus e a este tempo. “A Igreja fala a partir da luz que a fé lhe dá”, dissera o Papa Bento XVI. É preciso beber e anunciar a verdade que a fé oferece na pessoa de Jesus Cristo. A revelação de Deus, cujo ápice é Jesus, é doadora de sentido, é digna de credibilidade, é palavra sensata... Não é mito, não é irracional, não é esoterismo, não é para mentes inferiores. Precisamos propor isso aos ouvidos sedentos de transcendência. Eis a tarefa primorosa do padre teólogo e catequista. São Paulo, hoje, estimula a ti, Jeferson, e a todos nós, educadores da fé e catequistas do Evangelho, a dedicar-nos à leitura, à exortação e ao ensino, procurando ser para os que creem um exemplo, pela palavra, pela conduta, pelo amor, pela fé, pela castidade. Agindo assim salvaremos a nós mesmos e aos que nos escutam. “O Evangelho dá resposta às necessidades mais profundas das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno”, diz o Papa Francisco (EG 265). Eis nossa empreitada como educadores da fé, como catequistas, como teólogos do Deus do Evangelho.

O padre é mistagogo, isto é, aquele que conduz para dentro do mistério de Deus. Nossas igrejas devem ser “tabernáculos onde Deus habita”. Nossas celebrações devem ser “tempo kairótico onde nosso mistério toca o mistério de Deus”. Nossas pregações devem aquecer os corações, como no caminho de Emaús. Nossa gente deveria voltar para casa com a certeza interior de que esteve com Deus enquanto o mistério era celebrado. Parece que ainda estamos longe disso, apesar de isso ser o nosso mais próprio. Às vezes, tem-se a impressão de que nossa gente não leva nada quando sai de nossas celebrações, quando escuta nossas pregações, quando vai a nós buscando uma bênção ou uma graça de Deus... O que está acontecendo com nosso ministério por este mundo afora? Por vezes, parecemos mistagogos sem mistérios, sacerdotes sem sagrados, místicos sem transcendência... Não estamos ajudando nossa gente a descobrir e optar pelo tesouro escondido em Deus e pela pérola grande que empenha toda a nossa vida para possui-la. Muitos estão agarrados a bens miúdos, a rubricas de vida e de ritos, e, pior ainda, sem acreditar que há bens maiores. Muitos estão assentados numa vida sem mistérios, sem profundidade espiritual, sem comunhão com a transcendência. Eis nosso campo de missão! Eis o campo de missão mistagógica!


Agostinho nos ensina que a construção da santidade na nossa condição de sacerdotes passa pelo zelo do pastoreio, pelo anúncio convicto e profético de Deus e pela mística de estar, de ver, de sentir a misteriosa presença de Deus dentro de nós mesmos, dentro da Igreja, dentro mundo.

Caro Pe. Jeferson, serve ao Senhor com alegria e que teu jeito de ser padre expresse um cuidadoso e ciumento amor por todos, especialmente pelos pobres. Que tuas palavras sejam portadoras da verdade que dá sentido e que salva. Que teu ministério aponte para o alto e faça crer em Deus. Que todos que te escutarem fiquem sabendo que o Senhor é Deus e é Santo, digno de culto e de fé, que Ele nos fez e somos dele, somos seu povo e seu rebanho,



ovelhas que lhe pertencem. Não descuides do carisma que hoje é plantado para sempre no chão da tua alma, mediante a imposição de nossas mãos e de todo o presbitério.

Que a cruz do Senhor do Bonfim, sob cuja sombra estamos, seja fonte de graça benfazeja para nosso ministério ordenado, para que nossa gente veja Cristo, Bom Pastor, na pobreza de nossas vidas, no dinamismo de nossa missão e na inquietude de nosso ser, ansioso por repousar em Deus. Amém.


Dom José Carlos de Souza Campos
Arcebispo Metropolitano de Montes Claros/MG

Bocaiúva, 06 de julho de 2024